

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PEDAGOGIA

JULIANA GABRICO CAPELLA PIRES

**A RELAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA DIANTE DAS DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGEM**

MARINGÁ  
2014

**JULIANA GABRICHIO CAPELLA PIRES**

**A RELAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA DIANTE DAS DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
– apresentado ao Curso de Pedagogia,  
como requisito parcial para cumprimento  
das atividades exigidas na disciplina do  
TCC.

Orientação: Profa. Dra. Solange Franci  
Raimundo Yaegashi.

MARINGÁ

2014

**JULIANA GABRICHIO CAPELLA PIRES**

**A RELAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA DIANTE DAS DIFICULDADES DE  
APRENDIZAGEM**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Prof. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi**

(Universidade Estadual de Maringá)

---

**Profa. Dra. Sheila Maria Rosin**

(Universidade Estadual de Maringá)

---

**Profa. Dra. Simone de Souza**

(Universidade Estadual de Maringá)

# A RELAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Juliana Gabricho Capella Pires<sup>1</sup>

Solange Franci Raimundo Yaegashi<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, objetivamos investigar a concepção de pais e professores sobre quais são suas funções e de que forma contribuem para que as crianças aprendam e se desenvolvam de forma saudável. Para tanto, participaram da pesquisa pais de alunos diagnosticados com dificuldades de aprendizagem que frequentam o Programa Multidisciplinar de Pesquisa e Apoio à Pessoa com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais – PROPAE – da Universidade Estadual de Maringá, bem como os professores desses alunos, provenientes de escolas públicas e particulares do município de Maringá, PR. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico e um questionário de concepções para pais e docentes. Verificamos que ainda não existe cooperação entre as instituições escola e família, o que acaba gerando prejuízos no desenvolvimento e aprendizagem da criança, principal vítima desses conflitos. Chegamos à conclusão de que ações precisam ser pensadas para garantir uma boa parceria entre essas instituições a fim de prevenir o fracasso escolar das crianças.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; Escola; Família; Desenvolvimento; Dificuldades de Aprendizagem.

## RELATIONSHIPS BETWEEN THE FAMILY AND THE SCHOOL TO COPE WITH LEARNING DIFFICULTIES

**ABSTRACT:** Parents' and teachers' ideas on roles and manners by which they contribute towards children's learning and development healthily are investigated. Parents of students diagnosed with learning difficulties who attended the Multidiscipline Program in Research and Support for People with Deficiency and Special Education Needs (PROPAE) of the State University of Maringá were the participating agents. Likewise, the teachers of the above-mentioned students from government- and private-run schools gave their contribution too. A socio-demographic questionnaire and a concept questionnaire for parents and teachers were distributed for data collection. Results show that cooperation between the school institution and the family was lacking, with damage in the children's development and learning. In fact, children were the main victims of such conflicts. Activities should be analyzed to guarantee a joint venture between the two institutions to avoid the children's failure in schooling.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá.

**Keywords:** Learning; School; Family; Development; Learning difficulties.

## **Introdução**

Durante os estágios da graduação, pudemos observar que muitas vezes a relação entre a família e a escola não acontece de forma positiva, pois presenciamos professores reclamando dos pais e vice-versa. Sabemos que essa é uma questão que deve ser estudada no intuito de que se investiguem possíveis soluções que possam viabilizar uma boa parceria entre a família e a escola.

Uma das dificuldades de se estabelecer parceria entre família e escola é que ambas não têm clara qual a sua função. Para Tancredi e Reali (2005, p.240),

[...] a escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social. A família, por sua vez, nos últimos tempos tem tido a tarefa de promover a socialização das crianças, estabelecendo condições para seu “bom” desenvolvimento, o que inclui a aprendizagem de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade em geral e pela comunidade a que pertencem. Assim, os objetivos são distintos, mas que se interpenetram.

Tanto a família quanto a escola são responsáveis pelas crianças, e cada uma tem sua função: enquanto a escola favorece a aprendizagem dos conhecimentos, a família faz com que a criança se socialize. As funções não são as mesmas, mas de certa forma se inter-relacionam. Além de percebermos que a relação entre a família e a escola precisava de atenção, nos estágios também constatamos que entre as queixas mais frequentes dessas instituições se encontravam as dificuldades de aprendizagem dos filhos/alunos. Nesse sentido, nosso objetivo foi o de verificar qual a relação entre família e escola e as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Em outras palavras, nosso principal objetivo neste estudo é o de investigar a concepção de pais e professores sobre suas funções e de que forma contribuem para que as crianças aprendam e se desenvolvam de forma saudável.

Neves (2000, p.2) afirma que para haver o sucesso escolar é importante que exista a interação entre família-escola. Assim, pontuamos que se existe interação entre essas instituições, as dificuldades de aprendizagem podem diminuir ou mesmo não existir nesse meio. Em alguns casos, percebemos que a família atribui a culpa pelas dificuldades das crianças à escola; em outros, é a escola quem culpabiliza a família.

Cavalcante (1998, p.4) ressalta que uma das frustrações comuns para os professores é “a apatia e a falta de participação de muitos pais nas atividades da escola”, acrescentando que somente por meio da valorização das famílias é que a “escola poderá fornecer uma educação mais relevante e significativa” (p. 6-7). Sendo assim, se a família aceitar a escola e se a escola aceitar a família, os resultados poderão ser positivos. A colaboração, a contribuição e o comprometimento de uma com a outra poderão trazer resultados excepcionais.

A autora ainda pontua que

[...] embora pesquisas demonstrem que crianças que vêm de famílias de baixa renda recebem notas mais baixas, repetem de ano e evadem da escola mais frequentemente do que alunos de classe média, estes resultados não indicam, no entanto, que estes problemas sejam devidos somente à origem familiar destes alunos, mas indicam claramente que estes problemas são fruto de um sistema educacional que tem falhado em atender as necessidades reais de seus estudantes (CAVALCANTE, 1998, p.6.).

Na relação família e escola, não podemos culpar ninguém. Todavia, há variáveis tanto no ambiente familiar quanto no escolar que dificultam o processo de aprendizagem das crianças. Ou seja, a família e a escola podem interferir, positiva ou negativamente, na vida escolar do filho/aluno. Porém, quando as duas interagem e contribuem uma com a outra, os resultados tendem a ser positivos.

Na busca de atingir o objetivo de nosso estudo, realizamos uma pesquisa de campo com pais e professores de alunos diagnosticados com alguma dificuldade de aprendizagem para conhecermos quais queixas e aspectos poderiam influenciar o desenvolvimento escolar das crianças. Para tanto, subdividimos este artigo em três partes; na primeira, abordamos a relação família e escola. Na segunda, apresentamos a metodologia para a realização da pesquisa e na terceira discorremos sobre os resultados da pesquisa.

## **1 A relação família e escola: repensando as dificuldades de aprendizagem**

Caetano e Yaegashi (2014) assinalam que a preocupação com a relação família e escola é um fenômeno novo. Para as autoras, há algumas décadas atrás não existia preocupação em compreender a relação entre essas duas instituições. Mas hoje, em

pleno século XXI, essa relação tem sido objeto de estudo de pesquisadores de diferentes áreas, uma vez que o sucesso ou o fracasso escolar das crianças depende, em parte, da forma como família e escola cumprem suas funções. As autoras destacam ainda as políticas governamentais que tentam aproximar família e escola, incentivando a parceria entre ambas, assim como a colaboração e a cooperação. Nesse sentido, afirmam que “todo o processo de construção de uma parceria entre a família e a escola fundamenta-se na necessidade de oferecer à criança uma formação adequada” (CAETANO; YAEGASHI, 2014, p.13). Por isso, a interação entre essas instituições pode propiciar às crianças resultados positivos em relação ao processo de aprendizagem.

Dessa forma, ambas as instituições contribuem para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Quando essa relação não vai bem, a criança acaba sendo prejudicada e as dificuldades começam a aparecer. Funayama e Penna (2000) alegam que a aprendizagem requer equilíbrio fisiológico e emocional, ou seja, além da integridade do sistema nervoso central, é necessário que a criança esteja bem do ponto de vista emocional para que possa aprender. Isso requer dos pais a organização da rotina familiar no sentido de atender às necessidades básicas de seus filhos e a cooperação com a escola no sentido de que os filhos desenvolvam hábitos de estudos saudáveis.

Segundo Caetano e Yaegashi (2014, p.14), “não há como compreender o processo de desenvolvimento psicológico de uma criança, sem levar em consideração os contextos familiar e escolar”. Desse modo, fica evidente que ambos os contextos podem contribuir de maneira positiva ou negativa no processo de desenvolvimento da criança. Não podemos esquecer de que o fracasso escolar deve ser analisado por diferentes perspectivas: da sociedade, da escola e do aluno (WEISS, 1992). Não temos interesse, aqui, de encontrar culpados, mas sim de mostrar como diferentes instituições podem influenciar a não aprendizagem das crianças. Entendemos que é de suma importância levar em consideração tudo o que já foi vivenciado pela criança a fim de se compreender suas dificuldades no processo de aprendizagem.

Se está claro que a parceria entre família e escola traz bons resultados para a aprendizagem da criança e acaba “evitando” de certa forma as dificuldades de aprendizagem, por que essas duas instituições encontram tantos problemas para se relacionar? Caetano e Yaegashi (2014, p.22) assinalam que “a grande dificuldade da relação entre a família e a escola está na transferência do papel da escola para a família e vice-versa”. O problema central, para as autoras, reside no fato de a escola querer

atribuir seu papel para a família e a família para a escola. No entanto, as autoras asseveram que “a definição desses papéis é algo mais simples e direto: a escola é espaço coletivo, portanto, lugar de a criança ser educada para a cidadania, enquanto a família é espaço privado, e os pais devem ensinar os seus filhos a viver”. (CAETANO E YAEGASHI, 2010, p.22).

Nessa perspectiva, Szymanski (2010) explica que as dificuldades na relação família e escola ficam evidentes quando: 1) os professores percebem que não atingem resultados positivos em seu trabalho; 2) os professores defrontam-se com problemas para os quais não possuem respostas; 3) a escola não pode contar com a família; 4) as famílias deixam para a escolas aspectos da formação que antes eram seus; e 5) os professores se sentem impotentes diante de situações concretas.

Além disso, a autora destaca que muitos professores têm dificuldades para lidar com as famílias de seus alunos por possuírem visões estereotipadas sobre estas. De acordo com a autora,

[...] é frequente ouvirmos depoimentos de professoras ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são “desestruturadas”, desinteressadas, carentes e, no caso das comunidades de baixa renda, violentas. Tais condições constituem-se numa explicação fácil para o insucesso escolar de algumas crianças (SZYMANSKI, 2010, p.104).

Esse raciocínio preconceituoso só serve para a atribuição de culpa a uma situação externa à escola e para um conseqüente afastamento do problema. Nesse contexto, Szymanski (2010) aponta a necessidade de atualização tanto para pais quanto para os professores no tocante às práticas educativas específicas de cada âmbito: familiar e escolar, e acrescenta que ocorre, frequentemente, uma confusão sobre a quem cabe a educação das crianças e que elementos são específicos de cada instituição. Alguns professores queixam-se de que as famílias delegam a eles toda a educação dos filhos, sentindo-se sobrecarregados e incapazes de realizar tal tarefa. Algumas vezes, as famílias sentem-se desautorizadas pelos professores, que tomam para si tarefas que são de competência da família ou ainda queixam-se de que os professores não estão cumprindo bem sua tarefa de ensinar.

Nesse âmbito, Szymanski (2010) considera ser necessário que a escola conheça a história das famílias e estabeleça uma relação de acolhimento. Um bom relacionamento precisa do interesse, da compreensão, do respeito e da valorização de



ambas as partes: escola e família. O diálogo, a abertura e a ausência de preconceito são atitudes que podem ajudar. Portanto, à medida que a escola reflete sobre as suas responsabilidades enquanto instituição, e também busca esclarecer junto à família o motivo das dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem dos alunos, há mais chances de o problema ser compreendido e resolvido dentro da própria escola.

Sendo assim, podemos afirmar que a relação entre família e escola é de suma importância para a aprendizagem da criança e que essa relação, quando positiva, pode fazer com que as dificuldades diminuam ou até mesmo não apareçam/desapareçam.

## **2 Metodologia**

### **2.1 Sujeitos da pesquisa**

Participaram da pesquisa 10 pais (ou responsáveis) de alunos que frequentavam o Programa Multidisciplinar de Pesquisa e Apoio à Pessoa com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais (PROPAAE)<sup>3</sup> e 10 professores desses mesmos alunos, que trabalhavam em diferentes escolas do município de Maringá.

É importante salientar que esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo denominado “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores” (CAEE 01924612.5.0000.0104). Dessa forma, esta pesquisa foi avaliada e autorizada previamente pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Por tratar-se de uma pesquisa com seres humanos, todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e estavam cientes de que suas informações seriam utilizadas para este trabalho.

No que se refere aos dados sociodemográficos dos pais, do total de participantes (N=10), 20% eram do sexo masculino e 80% do sexo feminino. A idade média dos pais era de 42,4 anos, e a faixa etária predominante era de 40 anos ou mais. O participante mais novo tinha 27 anos e o mais velho, 57 anos. Em relação à escolaridade, 40% dos pais tinham ensino fundamental completo, 20% ensino médio completo, 10% ensino superior incompleto, 20% ensino superior completo e 10% havia concluído o mestrado.

---

<sup>3</sup> O Programa Multidisciplinar de Pesquisa e Apoio à Pessoa com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais funciona na Universidade Estadual de Maringá e atende crianças diagnosticadas com alguma dificuldade de aprendizagem. Participam desse programa professores e acadêmicos de diversos cursos da instituição.

Quanto à profissão, 40% das pessoas que participaram da pesquisa eram donas de casa, as demais se distribuíam entre as seguintes profissões: tecnólogo ambiental (10%), manicure (10%), salgadeira (10%), vendedor autônomo (10%), recepcionista (10%) e enfermeira (10%). No que se refere à renda familiar, 50% dos pais ganhavam entre 2,1 a 4 salários mínimos, 30% ganhavam entre 0 a 2 salários, 10% ganhavam entre 4,1 a 6 salários e 10% ganhavam entre 8,1 a 10 salários mínimos. Por fim, no que tange à composição familiar, 80% dos pais tinham um modelo nuclear de família composto por pai, mãe e filhos e 20% outro tipo de modelo não especificado pelos participantes.

Quanto aos dados sociodemográficos dos professores (N=10), como é frequente ocorrer nessa categoria, 100% eram do sexo feminino. No tocante à idade, 30% situavam-se na faixa etária entre 21 e 30 anos e 70% na faixa etária entre 31 e 45 anos. No quesito escolaridade, 50% tinham ensino superior completo, 30% tinham curso de especialização, 10% tinham apenas o curso de magistério e 10% possuíam mestrado. No que diz respeito ao tempo de atuação profissional, 50% dos professores tinham menos de 5 anos de experiência, 20% tinham de 10,1 a 15 anos de experiência, 20% tinham de 15,1 a 20 anos de experiência e apenas 10% tinham mais de 20 anos de experiência profissional. Do total de professores, 80% ministravam aulas somente no ensino fundamental e 20% no ensino fundamental e na educação infantil. Além disso, 60% dos entrevistados trabalhavam em mais de uma escola e 40% em apenas uma escola. Quanto à jornada de trabalho, 30% trabalhavam 20 horas semanais e 70% trabalhavam 40 horas semanais. No tocante ao período de trabalho, 10% responderam que trabalhavam apenas no período matutino, 20% trabalhavam apenas no período vespertino e 70% trabalhavam nos dois períodos. Do total de professores, 30% haviam feito curso de aperfeiçoamento e atualização nos últimos dois anos e 70% não responderam à questão. Quanto à renda familiar, 30% dos professores ganhavam entre 2,1 a 4 salários, 30% ganhavam entre 4,1 a 6 salários, 10% ganhavam entre 6,1 a 8 salários, 10% ganhavam entre 8,1 e 10 salários e 20% ganhavam mais de 10 salários mínimos. Por fim, no que se refere à configuração familiar, 80% dos professores tinham um modelo nuclear de família composto por pai, mãe e filhos e 20% outro tipo de modelo não especificado pelos participantes.

## **2.2 Instrumentos utilizados**

Durante a coleta de dados, foram utilizados dois tipos de instrumentos auto aplicáveis. O primeiro tratava-se de um questionário sociodemográfico com seis questões para os pais e doze para os docentes e o segundo era um questionário de concepções com sete questões. Esses instrumentos foram elaborados pelas professoras Solange Franci Raimundo Yaegashi e Luciana Maria Caetano. Os pais responderam ao questionário sociodemográfico específico para a família e o “Questionário de Concepções Familiares sobre a Relação Escola e Família”. Os professores, por sua vez, também responderam ao questionário sociodemográfico específico para docentes e o “Questionário de Concepções Docentes sobre a Relação Escola e Família”.

O questionário sociodemográfico dos pais era composto por questões que envolvia os seguintes aspectos: sexo dos participantes, idade, escolaridade, profissão, jornada de trabalho, renda familiar e composição familiar. Já o questionário sociodemográfico dos professores envolvia os seguintes itens: sexo, idade, escolaridade, atuação profissional, ano em que eles ministram as aulas, se trabalhavam em mais de uma escola, jornada de trabalho, se nos últimos dois anos tinham feito cursos de aperfeiçoamento e ou atualização, renda familiar e composição familiar.

Os questionários para os pais e os docentes eram idênticos, tendo apenas o título diferente e abordavam aspectos que envolviam as funções e papéis da família e da escola, bem como a forma como ambos concebiam a reunião de pais. Vale ressaltar que as perguntas eram de múltipla escolha, porém, existia a opção “outra resposta” (no caso da resposta não estar dentro das opções).

### **2.3 Procedimentos para a coleta de dados**

Durante o mês de maio de 2014, procedemos à coleta de dados. Nas duas primeiras semanas, dirigimo-nos ao PROP AE para aplicar os instrumentos de coleta de dados (questionário sociodemográfico e questionário de concepções) aos pais (ou responsáveis) e nas duas últimas semanas desse mês fomos às escolas aplicá-los aos professores. Esses instrumentos foram respondidos de tal forma que nenhuma questão ficasse sem ser respondida. Havendo necessidade de esclarecimento, os participantes esclareciam suas dúvidas com a pesquisadora. Não foi preciso escrever o nome, pois os questionários deveriam ser respondidos anonimamente. Apenas a pesquisadora tinha como identificar os questionários, mas todas as respostas foram guardadas com o sigilo e a ética que deve conter uma pesquisa.

## 2.4 Procedimentos para a análise dos dados

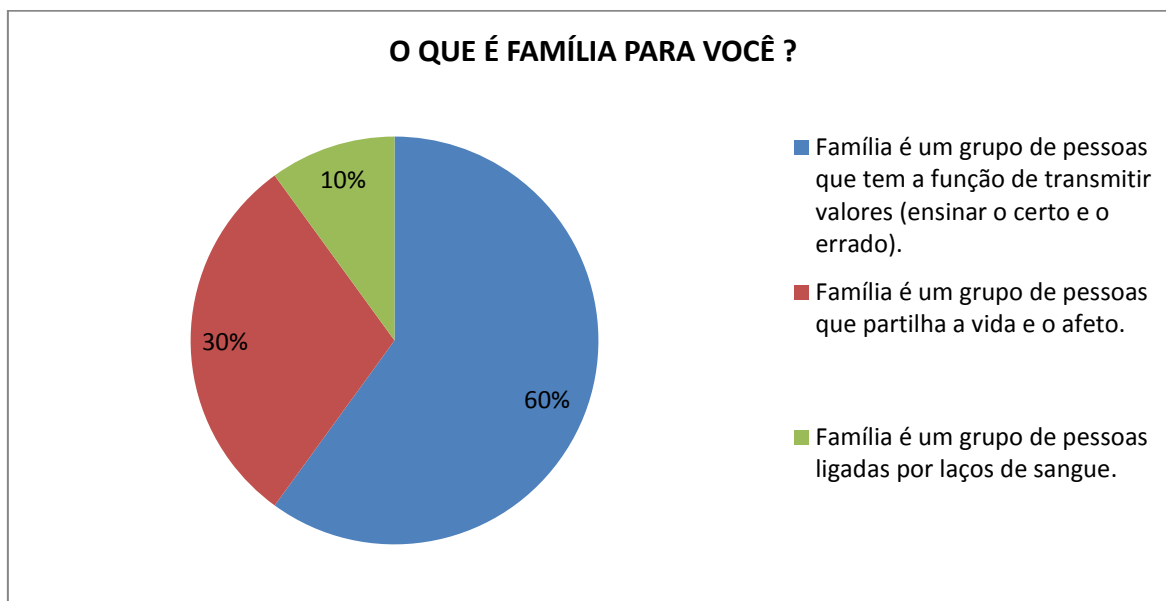
Os dados dos questionários de concepções foram analisados com base na estatística descritiva, destacando-se as respostas que apareceram com maior frequência.

Para a análise das escala de concepções utilizamos as seguintes categorias: 1) Conceito de família; 2) Função da Escola; 3) Fatores que interferem na aprendizagem da criança; 4) Papéis da família para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos; 5) Papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos; 6) Reunião escolar boa e; 7) Reunião escolar ruim.

## 3 Resultados

### 3.1 Dados referentes ao Questionário de Concepções Familiares sobre a Relação Escola e Família

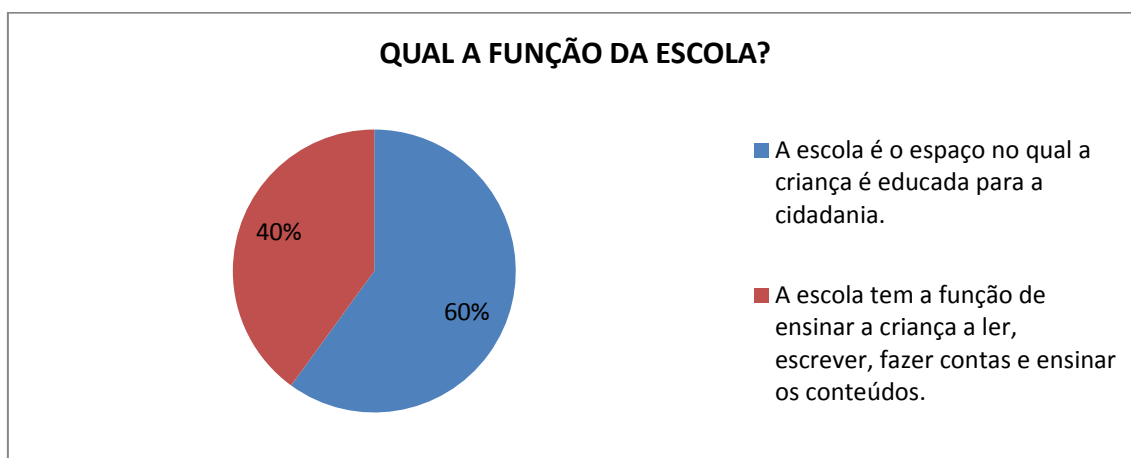
Gráfico 1: Conceito de família para os pais



Conforme o Gráfico 1, 60% (6 pais) dos participantes consideram que a família é um grupo de pessoas que tem a função de transmitir valores, ensinar o que é certo e o que é errado. 30% (3 pais) acreditam que a família é um grupo de pessoas que partilha a vida e o afeto e 10% (1 pai) que a família é um grupo de pessoas ligadas por laços de

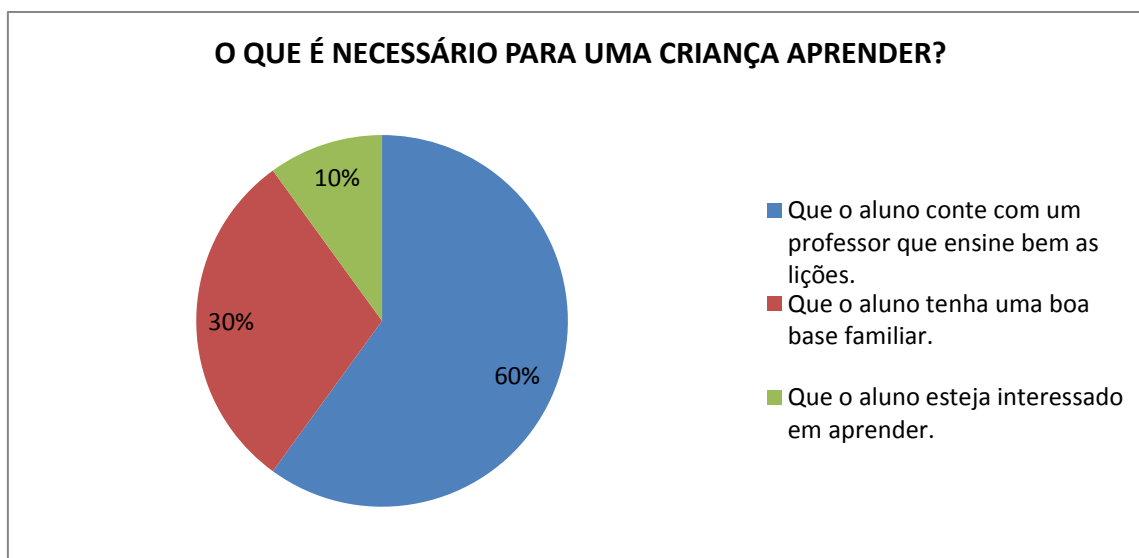
sangue.

Gráfico 2: Função da escola para os pais



No que se refere à função da escola, conforme podemos observar no Gráfico 2, as respostas que apareceram com maior frequência foram as que consideram a escola um espaço no qual a criança é educada para a cidadania (60% = 6 pais), e que a escola tem a função de ensinar a criança a ler, escrever, fazer contas e ensinar os conteúdos (40% = 4 pais).

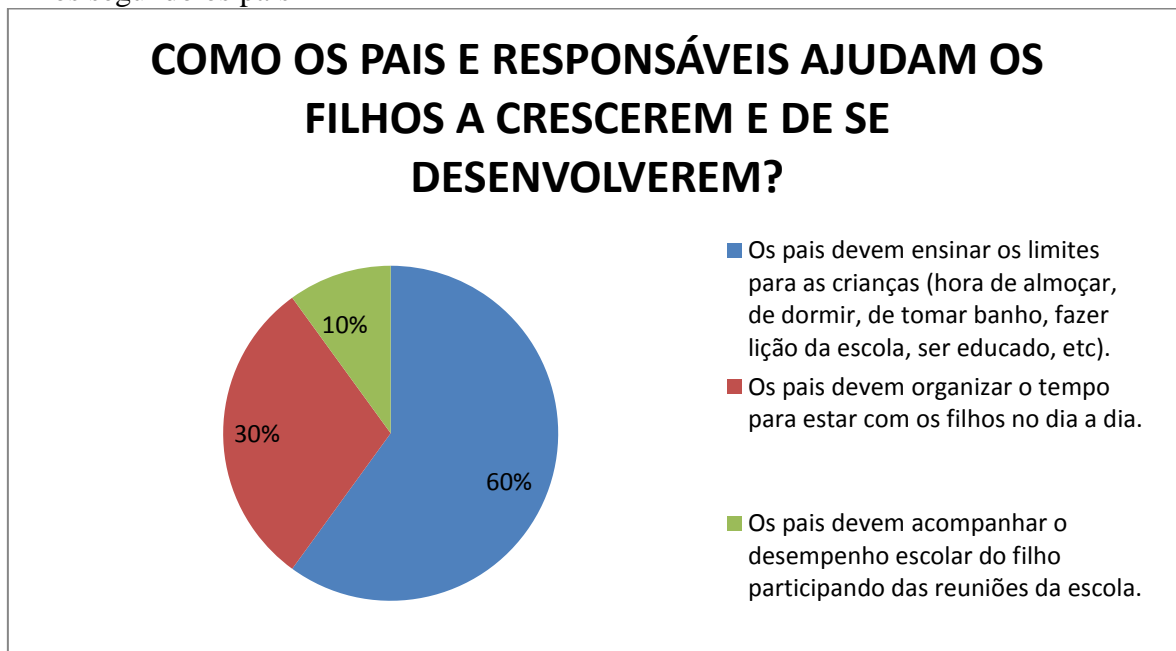
Gráfico 3: Fatores que interferem na aprendizagem da criança segundo os pais



No que diz respeito aos fatores que interferem na aprendizagem da criança, conforme o Gráfico 3, 60% (6 pais) dos participantes responderam que o aluno deve

contar com um professor que ensine bem as lições; 30% (3 pais) acreditam que o aluno deve ter uma boa base familiar e 10% (1 pai) assinalou que o aluno deve estar interessado em aprender.

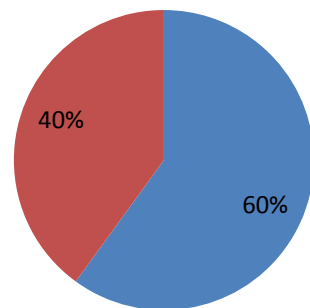
Gráfico 4: Papéis da família para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos segundo os pais



De acordo com o Gráfico 4, no que tange aos papéis da família para propiciar o desenvolvimento dos filhos, 60% (6 pais) dos participantes acreditam que os pais devem ensinar limites às crianças; 30% (3 pais) concordam que os pais devem organizar o tempo para estar com os filhos no dia a dia e 10% (1 pai) são de opinião que os pais devem acompanhar o desempenho escolar do filho, participando das reuniões da escola.

Gráfico 5: Papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos segundo os pais

### COMO OS PROFESSORES AJUDAM OS ALUNOS A CRESCER E SE DESENVOLVEREM?

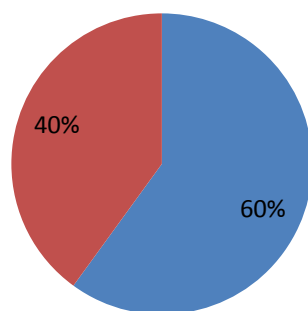


- O professor deve conversar individualmente com cada família sobre o desempenho escolar da criança (não falar de uma criança na frente dos outros pais).
- O professor deve ter domínio do conteúdo (saber a matéria que vão ensinar).

No Gráfico 5, no tocante aos papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento dos alunos, 60% (6 pais) dos entrevistados responderam que estes devem conversar individualmente com cada família sobre o desempenho escolar da criança e 40% disseram que o professor deve ter domínio do conteúdo para auxiliar os alunos.

Gráfico 6: Reunião escolar boa segundo os pais

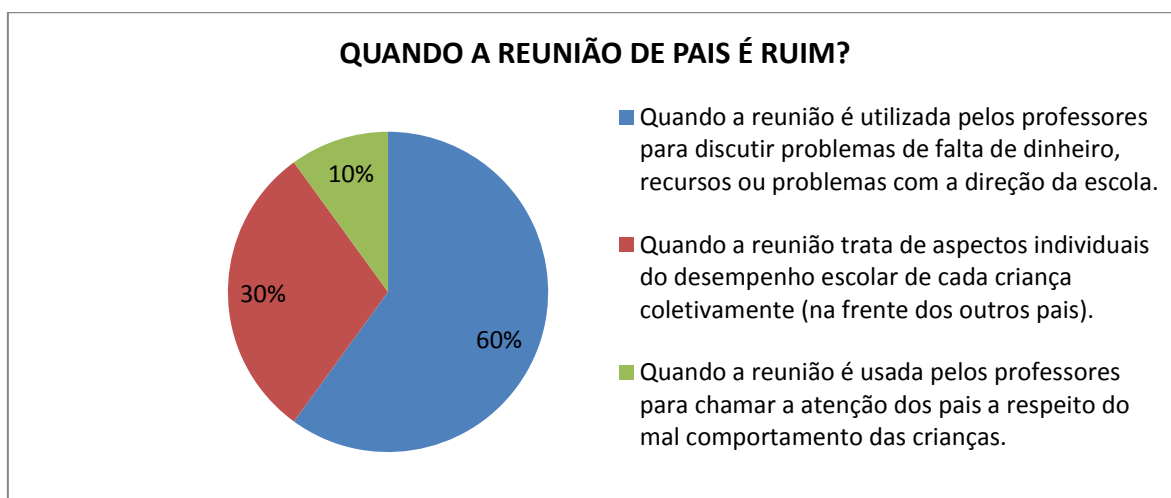
### QUANDO A REUNIÃO DE PAIS É BOA?



- Quando a reunião garante oportunidade dos pais aprenderem mais sobre o desenvolvimento dos seus filhos.
- Quando a reunião oferece aos pais oportunidades de conversar com os outros pais.

Segundo o Gráfico 6, no que se refere ao que os pais consideram uma boa reunião de pais, 60% (6 pais) dos entrevistados opinaram que a reunião é boa quando garante oportunidade dos pais aprenderem mais sobre o desenvolvimento dos seus filhos e 40% (4 pais) consideram que ela é boa quando oferece aos pais a oportunidade de conversar com os outros pais.

Gráfico 7: Reunião escolar ruim segundo os pais



No Gráfico 6, em relação ao que os pais consideram uma reunião de pais ruim, 60% (6 pais) responderam que ela é ruim quando utilizada pelos professores para discutir problemas da instituição; 30% (3 pais) responderam que ela é ruim quando trata de aspectos individuais do desempenho escolar de cada criança coletivamente e 10% (1 pai) respondeu que ela é ruim quando é usada pelos professores para chamar a atenção dos pais a respeito do mau comportamento das crianças.

### **3.2 Dados referentes ao Questionário de Concepções Docentes sobre a Relação Escola e Família**

No que se refere ao conceito de família, conforme o Gráfico 8, 60% (6 professores) dos participantes da pesquisa responderam que a família é um grupo de pessoas que partilha a vida e o afeto e 40% (4 professores) consideram que a família é um grupo de pessoas que tem a função de transmitir valores.

Gráfico 8: Conceito de família para os professores



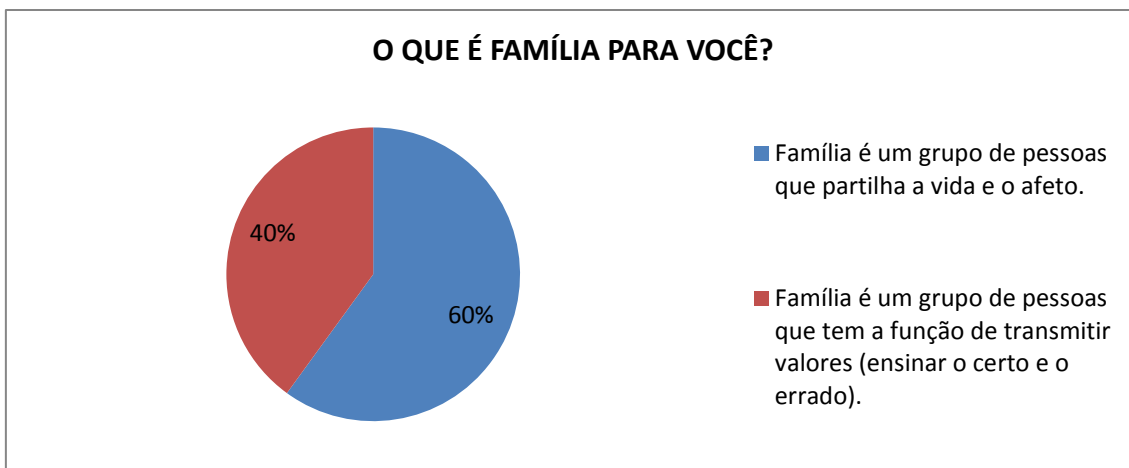
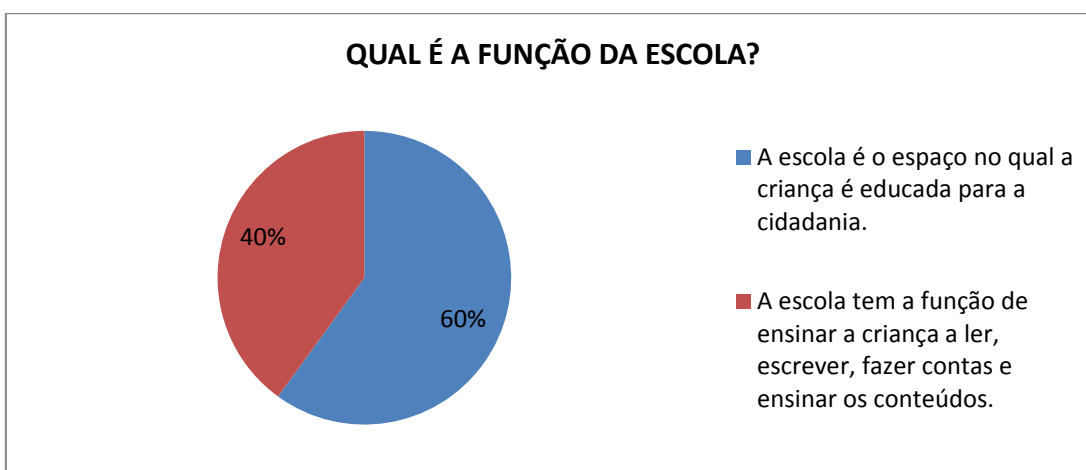
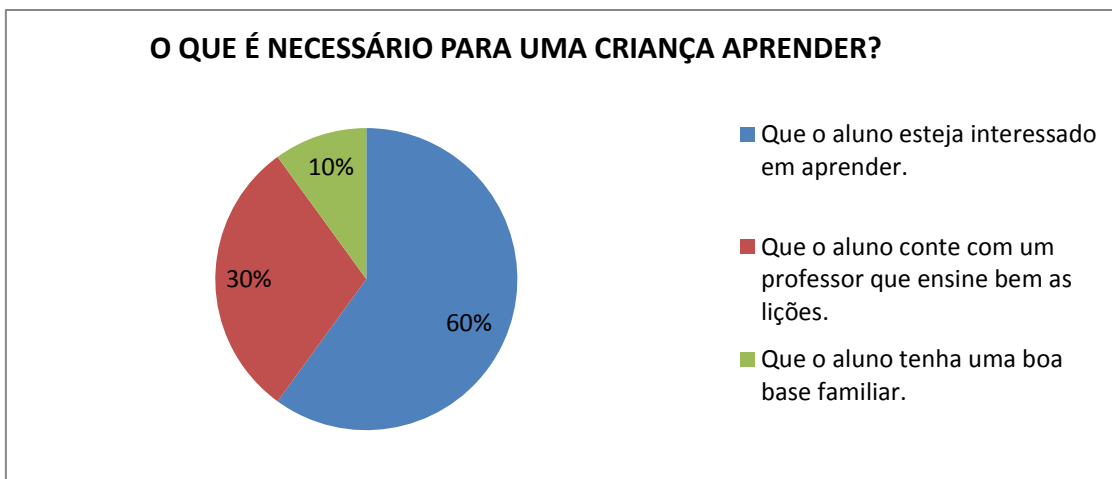


Gráfico 9: Função da escola para os professores



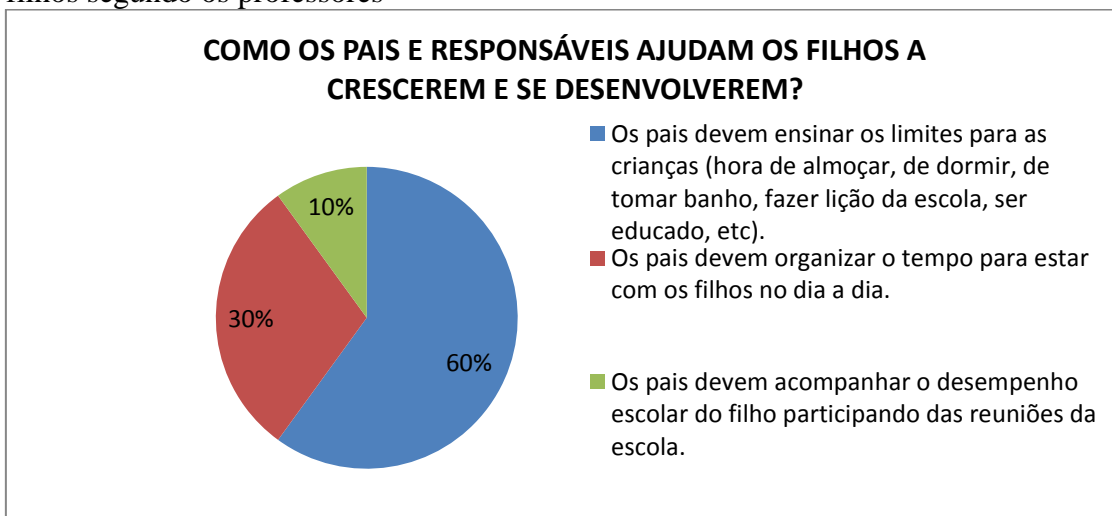
No Gráfico 9, 60% (6 professores) dos participantes responderam que a escola é o espaço no qual a criança é educada para a cidadania e 40% (4 professores) assinalaram que a escola tem a função de ensinar a criança a ler, escrever, fazer contas e ensinar os conteúdos.

Gráfico 10: Fatores que interferem na aprendizagem da criança segundo os professores



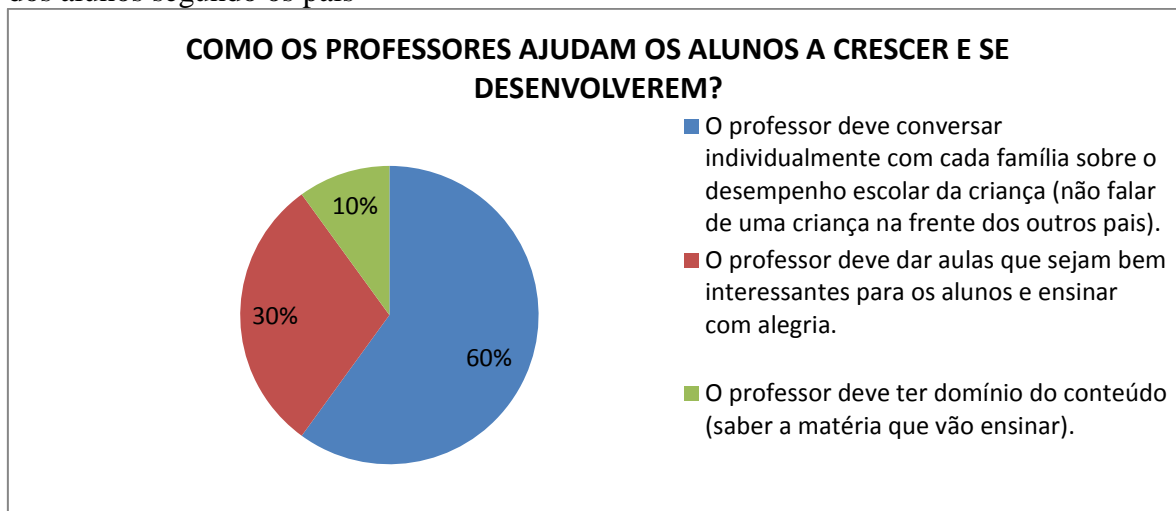
No que diz respeito aos fatores que interferem na aprendizagem da criança, de acordo com o Gráfico 10, 60% (6 professores) dos participantes responderam que o aluno precisa estar interessado; 30% (3 professores) consideram que o aluno precisa contar com um professor que ensine bem as lições e 10% (1 professor) acreditam que o aluno precisa ter uma boa base familiar.

Gráfico 11: Papéis da família para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos segundo os professores



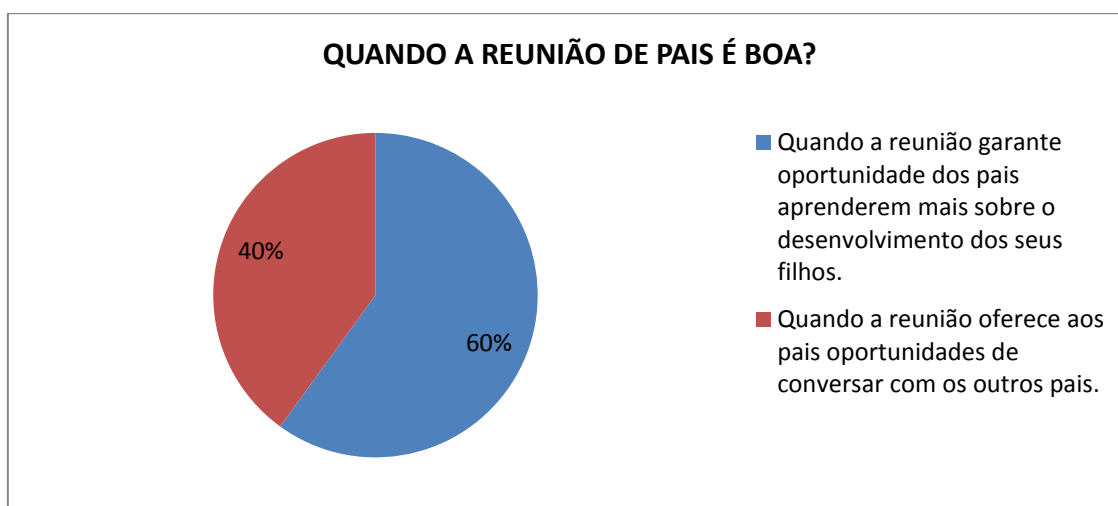
Segundo o Gráfico 11, no que diz respeito aos papéis da família para propiciar o desenvolvimento dos filhos, 60% (6 professores) dos participantes acreditam que para ajudar seus filhos a crescerem e se desenvolverem os pais precisam ensinar limites às crianças; 30% (3 professores) consideram que os pais devem organizar o tempo para estar com os filhos no dia a dia e 10% (1 professor) pensa que os pais devem acompanhar o desempenho escolar do filho, participando das reuniões da escola.

Gráfico 12: Papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos segundo os pais



No Gráfico 12, em relação aos papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento dos alunos, 60% (6 professores) dos participantes acreditam que o professor deve conversar individualmente com cada família sobre o desempenho escolar da criança; 30% (3 professores) responderam que o professor deve dar aulas interessantes para os alunos e ensinar com alegria e 10% (1 professor) pensa que o professor deve ter domínio do conteúdo.

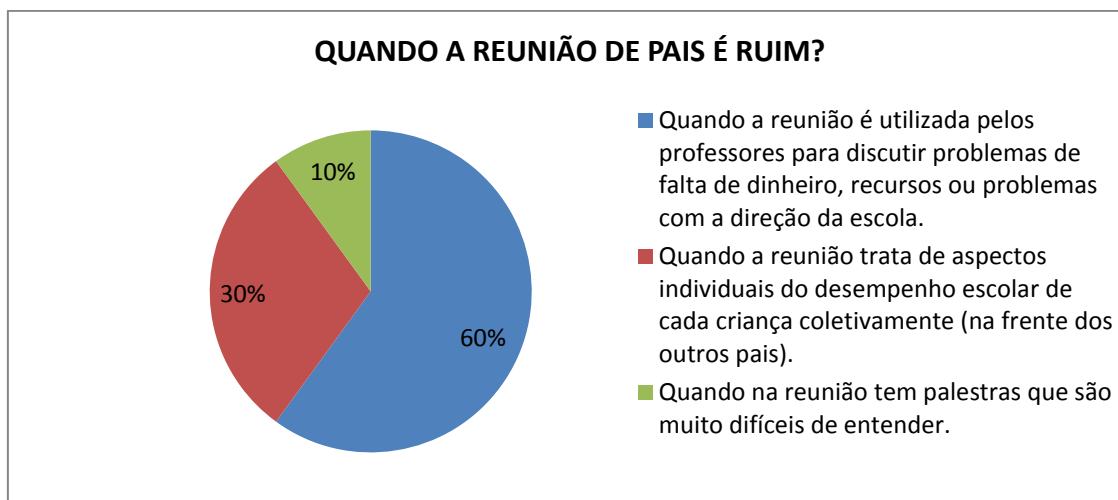
Gráfico 13: Reunião escolar boa segundo os professores



De acordo com o Gráfico 13, no que se refere ao o que os professores consideram uma boa reunião de pais, 60% (6 professores) consideram que ela é boa quando garante oportunidade dos pais aprenderem mais sobre o desenvolvimento dos

seus filhos e 40% (4 professores) acreditam que a reunião é boa quando oferece aos pais a oportunidade de conversar com os outros pais.

Gráfico 14: Reunião escolar ruim segundo os professores



No Gráfico 14, no tocante ao que os professores consideram uma reunião de pais ruim, 60% (6 professores) acreditam que ela é ruim quando utilizada pelos professores para discutir problemas da instituição; 30% (3 professores) consideram que ela é ruim quando trata de aspectos individuais do desempenho escola de cada criança coletivamente e 10% (1 professor) pensa que a reunião não é boa quando tem palestras que são muito difíceis de entender.

### Considerações finais

Com a realização desta pesquisa, nosso objetivo foi investigar a concepção de pais e professores sobre suas funções e de que forma contribuem para que as crianças aprendam e se desenvolvam de forma saudável. Após a análise dos dados, foi possível constatar que, em relação ao conceito de família, não houve diferenças significativas na concepção dos pais e dos professores, pois entre os participantes da pesquisa houve uma concordância de que a família é um grupo de pessoas que deve partilhar vida e afeto, devendo transmitir valores aos seus filhos. Tais concepções também são encontradas nas pesquisas de Osorio (1996) e Yaegashi (2007), cujos sujeitos concordam que a família é a primeira matriz de identidade da criança e que tem a função de cuidar dos filhos com afeto. Assim, mesmo “sem intenção de ensinar, os

pais podem influenciar a aprendizagem de seus filhos através de atitudes e valores que passam a eles” (FONSECA, 1999, p.13).

Quanto à função da escola, também não houve diferenças entre as concepções dos pais e dos professores, uma vez que as respostas que apareceram com maior frequência em ambos os grupos foram as de que a escola deve educar para a cidadania e ensinar conteúdos escolares. As respostas que apareceram com maior frequência estão de acordo com o que pontua Caetano (2010, p.24): “a escola é espaço coletivo, lugar, portanto, da criança ser educada para a cidadania”. Todavia, além da cidadania, a escola também é o local onde a criança vai se apropriar dos conceitos científicos necessários para sua inserção social.

No que tange aos fatores que interferem na aprendizagem da criança, foi possível constatar certa discordância entre as concepções dos pais e professores. Entre os pais, prevaleceu a crença de que para que ocorra a aprendizagem é preciso que o professor ensine bem. Entre os professores, a resposta que apareceu com maior frequência é que para ocorrer a aprendizagem é preciso que a criança esteja interessada em aprender. Nesse sentido, observamos que os pais apontam o professor como o principal responsável pela aprendizagem dos alunos e os professores, por seu turno, apontam os alunos como os responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem. Entretanto, quando uma criança possui dificuldades de aprendizagem, devemos buscar esclarecer as causas dessas dificuldades, sendo preciso levar em consideração que muitas vezes o “sintoma” apresentado pela criança pode ser um reflexo de problemas vivenciados na dinâmica familiar. Nessa perspectiva, Orsi e Yaegashi (2013, p.111) afirmam que a família,

[...] por seu caráter dinâmico, faz com que, a partir da influência dos fatores socioculturais e dos vínculos afetivos, seus componentes desenvolvam os próprios códigos de referência e de crenças que resultam em uma cultura familiar própria, que tanto responde às transformações da sociedade quanto determina modificações na construção do psiquismo, no processo de socialização e na aprendizagem escolar.

A dinâmica escolar também deve ser investigada, pois como bem argumenta Mantovanini (2001), se um aluno vive em situação precária, possui baixa autoestima e ainda não pode contar com a ajuda do professor, sua vida escolar poderá ser prejudicada. Quando isso acontece, inicia-se um círculo vicioso em que os alunos

passam a ter um vínculo negativo com os professores e, por consequência, com o processo de aprendizagem, não conseguindo se apropriar dos conteúdos escolares.

Em relação aos papéis da família para propiciar o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos, as respostas que apareceram com maior frequência nos dois grupos são as que os pais devem ensinar limites aos filhos e também devem organizar o tempo para estar com os filhos no dia a dia. Essas concepções convergem com o que postulam Caetano e Yaegashi (2014), pois segundo as autoras, as famílias que não conseguem impor limites aos filhos e são excessivamente permissivas poderão criar filhos com dificuldades para entender e acatar as regras do sistema educacional, o que muito provavelmente prejudicará seu desenvolvimento e seus relacionamentos interpessoais.

Quanto aos papéis dos professores para propiciar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, tanto entre os pais quanto entre os professores, houve a concordância no sentido de que os professores devem conversar individualmente com cada família sobre o desenvolvimento escolar da criança, e ainda que o professor deve ter domínio do conteúdo.

Tais concepções estão em consonância com Marturano (2000, p.107), a qual acredita “o atraso escolar está negativamente associado à presença de recursos e mostra associação positiva com circunstâncias adversas no contexto familiar”, ou seja, quando não recebem supervisão dos pais, não tem rotina em casa, entre outras coisas, as crianças podem sofrer atraso na escola.

No que se refere à reunião de pais, houve a concordância entre pais e professores de que uma reunião de pais boa é aquela que garante a oportunidade dos pais aprenderem sobre o desenvolvimento dos filhos, bem como oferece a oportunidade aos pais de conversar com os outros pais. Da mesma forma, houve concordância entre os dois grupos sobre o que seria uma reunião de pais ruim. Tanto os pais quanto os professores consideram que uma reunião é ruim quando utilizada para discutir problemas de falta de dinheiro da escola e quando trata de aspectos individuais do desempenho escolar de cada criança coletivamente.

Nesse sentido, concordamos com Caetano e Yaegashi (2014) quando afirmam que a escola pode auxiliar na sensibilização dos pais e educadores para a necessidade do acompanhamento do desenvolvimento e crescimento da criança em todos os aspectos, não somente no aspecto escolar, a fim de que possa atingir o objetivo pleno da

educação. Isso pode ser feito nas reuniões de pais, que nem sempre são proveitosas, mas que podem assumir outro formato, propiciando uma parceria saudável entre família e escola.

Estudar a relação família e escola foi muito importante para a nossa formação profissional, pois por meio da pesquisa de campo foi possível verificarmos no dia a dia como acontece a relação entre essas duas instituições. Acreditamos que pesquisas nessa temática são de suma importância para a educação, porque podem contribuir de forma positiva, auxiliando a repensar a relação entre família, a escola e as dificuldades de aprendizagem, algo que hoje está presente no cotidiano escolar.

Chegamos à conclusão de que não existem formas totalmente eficazes de propiciar um bom relacionamento entre a família e a escola, porque verificamos que há certa “disputa” entre essas instituições, mas podemos pensar em mudanças. É fundamental discutir a relevância do apoio familiar na escola, e a família, por sua vez, deve procurar saber o que acontece com seus filhos no ambiente escolar. Deve existir diálogo entre essas instituições, pois dessa maneira, quando a criança apresentar algum problema, ambas as instâncias poderão trabalhar juntas, minimizando as dificuldades ou mesmo evitando que elas apareçam.

## Referências

CAETANO, Luciana Maria Caetano; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. A relação escola e família: reflexões teóricas. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Relação escola e família: diálogos interdisciplinares para a formação da criança**. São Paulo: Paulinas, 2014. Cap. 1, p. 1-40.

CAETANO, Luciana Maria. **Dinâmicas para reunião de pais**: construindo a parceria na relação escola e família. São Paulo: Paulinas, 2010, p.1-37.

CAVALCANTE, Roseli Schultz Chiovitti. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicologia Escolar e Educacional**, n. 2, v.2, p. 153-160, 1998.

FONSECA, Neumar Gianotti. **A influência da família na aprendizagem da criança**. São Paulo: CEFAC/ Curso de Especialização em Linguagem, 1999, p. 1-34.

FUNAYAMA, Carolina Araújo Rodrigues; PENNA, Marco Antônio. Avaliação neurológica da criança com problemas de aprendizagem. In: FUNAYAMA, Carolina A. R. (Org.). **Problemas de aprendizagem**: enfoque multidisciplinar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. Cap. 1, p. 13- 31.

MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: FUNAYAMA, Carolina Araújo Rodrigues (Org.). **Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. Cap. 5, p. 93- 113.

MANTOVANINI, M. C. **Professores e alunos problema: um círculo vicioso**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

NEVES, Isabel Pestana. **Análise do contexto de socialização familiar: sua importância para a compreensão do (in)sucesso escolar**. Porto: ASA, 2000, p. 1- 16.

ORSI, M. J. J. S.; YAEGASHI, S. F. R. A família como base para a construção do processo de aprendizagem. In: YAEGASHI, S. F. R.; BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (Orgs.). **Psicologia e Educação: conexão entre saberes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. Cap. 1, p. 11- 28.

OSORIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia**, n.31, v. 15, p. 239 – 247, 2005.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. Família, desenvolvimento e aprendizagem: um olhar psicopedagógico. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria (Orgs.). **Infância e práticas Educativas**. Maringá: EDUEM, 2007. Capítulo 6, p. 69-80.